

Gestão Bolsonaro igualou El Niño na Amazônia, diz cientista

[G webcache.googleusercontent.com/search](https://webcache.googleusercontent.com/search)

[Brasil / Meio ambiente](#)

Por Rafael Garcia — São Paulo

23/08/2023 12h50 Atualizado há 2 semanas



Área de floresta desmatada e queimada em Candeias do Jamari (RO) em 2019 — Foto: Edilson Dantas / Agencia O Globo

As emissões CO₂ por desmatamento e degradação da Amazônia aumentaram entre 122% e 89% nos anos de 2020 e 2019, início do governo Bolsonaro, em comparação com o período de 2010 a 2018. Revela um estudo de pesquisadores brasileiros.

O trabalho, coordenado pela cientista Luciana Gatti, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), é um dos destaques da edição desta semana da revista britânica *Nature*, uma das mais influentes do mundo na comunidade científica. Uma versão preliminar da pesquisa havia saído no ano passado, mas o novo artigo surge já validado por revisão independente de cientistas recrutados pela publicação.

Ciência: [Experimento que bombeia CO₂ na Amazônia completa montagem de 32 torres](#)

— Nós passamos por três revisões. Em termos de resultado numérico não teve diferença em relação aos resultados que já tínhamos apresentado, mas agora acrescentamos estudos estatísticos e descrevemos exatamente o que aconteceu com os drivers, os

fatores que impulsionam o desmatamento — disse Gatti ao GLOBO.

Movido sobretudo pela especulação fundiária ligada ao avanço da pecuária, o desmatamento tem sido historicamente o fator que mais promove as emissões na região. Partes da floresta que permanecem intactas e outras que estão rebrotando ajudam a absorver CO₂, mas a cientista mostrou que no Sul da Amazônia, mais explorado, esse efeito já não compensa o nível de degradação, porque a saúde da mata não é a mesma.

Polícia: Suspeito de ser o maior devastador da Amazônia derrubou 28 campos de futebol por dia em três meses

Para estimar as emissões de gás carbônico, o grupo do Inpe e colaboradores da Universidade Federal de Minas Gerais, colheram amostras de ar em quatro pontos da Amazônia e em diversas altitudes, a bordo de aviões monomotores. A pesquisa toda envolveu a coleta em 742 operações, a maioria deles em voos comerciais. (Desde 2017 o Inpe não possui avião próprio para esse tipo de pesquisa.)

O resultado indicou que, na média de 2010 a 2018 a floresta emitiu 0,88 bilhões de toneladas de CO₂ ao ano. Em 2019 esse valor subiu para 1,6 bilhões, e em 2020 para 1,91 bilhões.

O resultado está em linha como o que outra divisão do Inpe verificou por satélite no período. O aumento de desmatamento em 2019 foi de 82% e de 77% em 2020. A área queimada aumentou 14% em 2019 e 42% em 2020.

Uma outra frente da pesquisa vasculhou arquivos do governo para entender como a atualização da fiscalização contra o desmate ilegal se alterou. No mesmo período (2019 e 2020), as multas se reduziram 30% e 54%, e os pagamentos das multas reduziram em 74% e 89%.

As emissões desses anos são comparáveis às de 2015 e 2016, quando a Amazônia sofreu uma grande seca provocada pelo efeito El Niño, particularmente forte no verão desses anos, e queimadas se alastraram muito. Em 2019 e 2020, porém, não ocorreu El Niño que justifique emissões.

— O Bolsonaro foi nosso El Niño — diz Gatti, que tem sido uma das cientistas mais engajadas na cobrança de políticas públicas para deter a deterioração da Amazônia.

O estudo mostra ainda uma correlação da deterioração da floresta com o aquecimento de alguns setores econômicos na região. A exportação de madeira aumentou quase 700% no período, a área plantada de soja cresceu 68% e o rebanho bovino se ampliou 14%.

Políticas públicas

Gatti foi uma das personalidades acadêmicas que apresentaram dados sobre as florestas nos eventos preparatórios da Cúpula da Amazônia neste mês, em Belém (PA), quando presidentes dos países da região se reuniram para discutir o problema.

O encontro terminou com uma declaração conjunta que menciona de modo vago a intenção de zerar o desmatamento na floresta até 2030 e fala em evitar que a Amazônia atinja um "ponto de não retorno", o limiar a partir do qual a floresta deixa de se sustentar por conta própria, e começa a se transformar em paisagem savânica de Cerrado.

Gatti criticou o resultado da cúpula.

— A declaração foi muito insuficiente, basicamente uma carta de intenções, e ainda assim sem intenções concretas — diz a pesquisadora, que se mostra pessimista, ainda que o desmatamento tenha mostrado um sinal de queda no início de 2023. — A gente pode já ter passado do ponto de não retorno na Amazônia. Não podemos ficar nessa direção.